

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (IM) RENATO CESAR DA CUNHA FERREIRA

BOKO HARAM E O CONFLITO NA NIGÉRIA:  
um estudo de caso à luz da teoria do Choque de Civilizações

Rio de Janeiro

2015

CC (IM) RENATO CESAR DA CUNHA FERREIRA

**BOKO HARAM E O CONFLITO NA NIGÉRIA:**  
um estudo de caso à luz da teoria do Choque de Civilizações

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval,  
como requisito parcial para a conclusão do Curso de  
Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF THIAGO DE ABREU FIGUEIREDO

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2015

Dedico esta pesquisa aos professores, mestres e líderes pelas seguras orientações e conhecimentos transmitidos; ao Brasil por me prover ímpar oportunidade; à minha esposa, pela paciência e apoio incondicionais; e a Deus pela minha vida e todas as demais coisas.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por cada fôlego de vida, pela saúde, inteligência e oportunidades que me possibilitaram chegar até aqui.

Agradeço à minha esposa Juliana, mulher de sabedoria ímpar, meu porto seguro de descanso e amor, que me prestou apoio incondicional e o tempo adequado para os estudos, a despeito do nascimento de nosso filho Benjamin, a quem por oportuno agradeço por sua simples presença, capaz de me revigorar o espírito.

Agradeço aos meus pais, Pedro e Jurema, meu irmão Rodrigo e minha avó Maria Nazareth, por terem me dado todo apoio, orientações e educação de qualidade, durante toda a minha vida, que me possibilitaram ingressar na carreira da Marinha.

Agradeço a toda tripulação e corpo docente da Escola de Guerra Naval, em especial ao meu orientador, CF Thiago Figueiredo, e ao CF Nagashima pelo apoio, disponibilidade, orientações e dedicação à formação dos oficiais-alunos do C-EMOS.

Agradeço ao Diretor e a toda tripulação da Pagadoria de Pessoal da Marinha, minha casa por cerca de treze anos de minha carreira, onde ficaram grandes amizades e fonte de aprendizado ímpar.

Por fim, agradeço à Marinha, por ter a mim provido, por meio deste curso, oportunidade singular, e ao Brasil, por ser uma Pátria inspiradora de nossas melhores virtudes e a qual amamos incondicionalmente.

*“A consciência é uma ferida aberta. Só a verdade pode curá-la. ”*  
Uthman Dan Fodio

*“Na guerra entre culturas, a cultura perde. ”*  
Samuel Huntington

## RESUMO

A Nigéria possui a maior economia e a maior população do continente africano. Localizado na África Ocidental, o país também é o maior parceiro comercial do Brasil naquele continente, maior fornecedor de petróleo para o Brasil e seu território está dentro da área marítima de interesse estratégico brasileiro, no Atlântico Sul. Desde a sua independência, em 1960, a história do país é marcada por violência étnica, religiosa e política, o que têm perdurado até os dias atuais, a despeito de ter se tornado uma democracia, em 1999. Vale destacar também, desde 2010, a ascensão do grupo insurgente jihadista *Boko Haram*, que tem empreendido milhares de assassinatos de civis, líderes muçulmanos e funcionários públicos, para criar um estado islâmico “puro”, governado pela Sharia. A presente pesquisa busca responder, por meio do exame das circunstâncias históricas, bem como das características e da evolução das ações terroristas do *Boko Haram*, tal como aliar-se ao Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIS), se a teoria do Choque de Civilizações está apta a elucidar os elementos fundamentais deste conflito de insurgência.

**Palavras-chave:** África Ocidental; Nigéria; violência religiosa; *Jihad*; fundamentalismo islâmico.

## **ABSTRACT**

*Nigeria is the largest economy and has the largest population of the African continent. Located in West Africa, the country is also the largest Brazil's trading partner in that continent and the largest Brazil's oil supplier and also its territory is within Brazilian strategic maritime areas, in the South Atlantic. Since its independence, in 1960, the history of the country is marked with ethnic, religious and political violence, situation that endures until present days, despite the country had turned into a democracy, in 1999. It's also worth regarding, since 2010, the rise of the jihadist insurgency group Boko Haram, which has carried out the murdering of thousands of civilians, Muslim leaders and government officials, in order to create a "pure" Islamic state ruled by Sharia law. This research aims to answer, through analysis of historical circumstances, as well as the characteristics and the evolution of Boko Haram's terrorist acts like joining world jihad with other extremist groups as Islamic State of Iraq and Levant (ISIS), if theory of The Clash of Civilizations is able to enlighten the fundamental elements of such insurgent conflict.*

**Key words:** *West Africa; Nigeria; religious violence; Jihad; Islamic fundamentalism.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Califado de Sokoto e Estados vizinhos.....	51
Figura 2 - Províncias onde vigora a Sharia de maneira total ou parcial.....	52
Figura 3 - Resultado das eleições presidenciais na Nigéria em 2011.....	52
Figura 4 - Maré Subindo. Pessoas assassinadas em conflitos envolvendo grupos jihadistas na África.....	53
Gráfico 1 - Número de mortes causadas por atentados terroristas do <i>Boko Haram</i> .....	54



## LISTA DE TABELAS

1 - Direção das Exportações da Nigéria (2013) .....	50
2 - Direção das Importações da Nigéria (2013) .....	50

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AIQM -	Al-Qaeda no Magreb
IMN -	Movimento Islâmico na Nigéria
ISIS -	Estado Islâmico do Iraque e do Levante
ISWAP -	Estado Islâmico na Província do Oeste Africano
JTI -	Movimento Para a Remoção da Inovação e Restabelecimento do Islã Sunita
PND -	Política Nacional de Defesa
POS DR -	Partido Operário Social-Democrata da Rússia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>A TEORIA DO CHOQUE DAS CIVILIZAÇÕES</b> .....	14
2.1	As Civilizações e a Nova Ordem Mundial.....	14
2.2	As Civilizações e os Conflitos nas Linhas de Falha.....	16
<b>3</b>	<b>O CONFLITO NA NIGÉRIA</b> .....	24
3.1	A diversidade étnica e a consolidação do Islã no Norte do País.....	24
3.2	Independência, instabilidade política e democracia na Nigéria.....	26
3.3	Fundamentalismo religioso e o surgimento do <i>Boko Haram</i> .....	29
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DO CONFLITO</b> .....	34
4.1	Existência de uma Linha de Falha na Nigéria.....	34
4.2	Características de um Conflito de Linha de Falha na Nigéria.....	38
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	43
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
	<b>ANEXOS</b> .....	50

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil, no século XXI, tem adotado, no estabelecimento das suas relações internacionais, uma agenda de priorização do eixo Sul-Sul, representada por parcerias com nações emergentes, como Índia, China e África do Sul. No que concerne ao continente africano, o Brasil tem dedicado especial atenção não somente à África do Sul, mas também a outros países, recuperando a dimensão africana da política externa relegada a um segundo plano nos anos 90.

Entre os países africanos que recebem especial atenção do Brasil inclui-se a Nigéria, localizada no oeste africano, junto ao Golfo da Guiné, cuja população e economia são os maiores do continente africano, destacando-se que, em 2013, o Brasil foi o terceiro maior destino das exportações daquele país (TAB. 1, ANEXO A), o qual também é o sétimo país do mundo em volume de importações do Brasil, basicamente de petróleo e derivados. As exportações brasileiras para aquele país constituem-se, predominantemente, de gêneros primários, porém de volume pouco significativo (TAB. 2, ANEXO A), situação que resulta em uma balança comercial amplamente desfavorável ao Brasil.

Desde a sua independência, no período do pós-guerra, em 1960, o país vem sendo assolado por problemas socioeconômicos e de endêmica corrupção estatal, responsáveis por causar nos cidadãos sentimento de falta de legitimidade do Estado, apontado como causa da ignição de questões étnicas e religiosas, as quais se refletem em violência sectária, instabilidade política do país e regimes totalitários que perduraram até 1999, quando foi adotado o regime democrático atual que, entretanto, não obteve êxito em sua luta contra a violência étnica-religiosa, até o presente momento.

No cenário global, o período pós-Guerra Fria foi caracterizado pela crença de que a queda do comunismo marcaria o termo inicial da ordem mundial unipolar, o que eliminaria a possibilidade de conflitos globais, com a supremacia definitiva da democracia liberal como o

sistema político econômico vitorioso e capaz de conduzir a Humanidade à paz e prosperidade. Entretanto, o inimigo comum de ocidentais e muçulmanos foi removido e isso causou, no Islã, um forte sentimento de reação ao avanço ocidental que se seguiu, e de afirmação da identidade islâmica, com base na religião, com proliferação de movimentos fundamentalistas, impulsionada pelos dividendos da exploração do petróleo e crescimento demográfico das nações islâmicas, fenômeno que ficou conhecido como Renascimento do Islã. Na África, são citados como exemplos o surgimento de grupos terroristas como: *Ansar-Al-Dine*, em Mali; *Al-Shaabab*, no Quênia, *Al-Qaeda in Magreb* (AQIM), na região do Magreb, e o *Boko Haram*, na Nigéria.

A conjuntura internacional pós-Guerra Fria é o objeto da teoria do Choque das Civilizações, de Huntington (2011)<sup>1</sup>, segundo a qual, o mundo estaria dividido entre oito diferentes civilizações o que resultaria, entre outras consequências, no fato de que as fronteiras entre as civilizações seriam áreas de conflitos potenciais, ou “linhas de falha”<sup>2</sup> (tradução nossa), pois as relações entre pessoas, grupos ou Estados pertencentes a diferentes civilizações não teriam a tendência de serem solidárias, mas, ao contrário, seriam ou frias, ou antagônicas, ou conflituosas.

Considerando a existência de uma linha de falha que corta o território nigeriano de leste a oeste, dividindo o norte muçulmano do sul cristão, na qual as características supracitadas poderiam ser verificadas, a questão que se pretende responder é: é possível identificar nas circunstâncias históricas do surgimento do *Boko Haram*, bem como no desenvolvimento de suas ações até os dias atuais, originalmente na Nigéria e, recentemente, em Camarões, elementos de que tal fenômeno pode ser explicado por meio da teoria do Choque das Civilizações, de Samuel Huntington?

---

<sup>1</sup> HUNTINGTON, Samuel. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 2011.

<sup>2</sup> “Fault Lines” (HUNTINGTON, 2011).

Para a caracterização de existência de conflitos, foi selecionado o seguinte conceito de conflito de Freund (1995), com a finalidade de analisar os eventos violentos em curso na Nigéria:

“[...] enfrentamiento por choque intencionado, entre dos seres o grupos de la misma especie que manifiestan, los unos respecto a los otros, una intención hostil, en general a respecto de un derecho, y que para mantener, afirmar o reestablecer el derecho, tratan de romper la resistencia del otro eventualmente por el recurso a la violencia, lo que puede, llegado el caso, tender al aniquilamiento físico del otro.”(FREUND, 1995, p.58)<sup>3</sup>.

Dessa maneira, esta pesquisa pretende contribuir com os formuladores da política externa brasileira acerca do futuro das relações diplomáticas e comerciais brasileiras com aquele país africano, considerando, eventualmente, os princípios norteadores da teoria do Choque das Civilizações, além da dupla relevância daquele país africano: primeiramente, a Nigéria estar dentro do entorno estratégico brasileiro, conforme a Política Nacional de Defesa (PND); e, em segundo, em razão de o país ser o maior fornecedor mundial de petróleo e derivados para o Brasil<sup>4</sup>, além de a estatal brasileira Petrobrás operar a exploração e produção de petróleo naquele país desde 2013.

Para tal, esta pesquisa foi estruturada da seguinte forma: os elementos da teoria do Choque das Civilizações que explicam os conflitos entre civilizações no mundo serão examinados no Capítulo 2, após o que se seguirá uma análise histórica dos conflitos na Nigéria e as ações do grupo *Boko Haram*, no Capítulo 3. Segue-se, no Capítulo 4, uma análise dos elementos identificados na análise do conflito na Nigéria com aqueles elencados na teoria do Choque das Civilizações a fim de se concluir ou não pela comprovação das proposições da teoria.

---

<sup>3</sup> “[...] enfrentamiento por choque intencional, entre dois seres ou grupos da mesma espécie que manifestam, com relação aos outros, um intenção hostil, acerca de um direito, e que para manter, assegurar ou restabelecer esse direito, tratam de romper a resistência do oponente com eventual uso da violência, que pode, dependendo do caso, levar ao aniquilamento do outro” (tradução nossa).

<sup>4</sup> BRASIL. Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Anuário estatístico brasileiro do petróleo, gás natural e biocombustíveis: 2014. Rio de Janeiro: ANP, 2014. Disponível em: <[www.anp.gov.br/?dw=73191](http://www.anp.gov.br/?dw=73191)>. Acesso em: 17 jul. 2015.

## 2 A TEORIA DO CHOQUE DAS CIVILIZAÇÕES

Este Capítulo visa a elucidar os elementos da teoria do Choque das Civilizações de Samuel Huntington<sup>5</sup> que se constituirão nos parâmetros de comparação com a realidade dos conflitos na Nigéria. Assim, iremos abordá-la em dois, a saber: as civilizações e a nova ordem mundial, no qual se pretende demonstrar a conjuntura das relações internacionais em um mundo dividido entre civilizações; e as civilizações os conflitos nas linhas de falha, no qual serão analisadas as características dos conflitos nas áreas geográficas de proximidade entre duas civilizações, tal como a teoria propõe ser o caso da Nigéria.

### 2.1 As Civilizações e a Nova Ordem Mundial

Segundo Huntington (2011), os conflitos no período pós-Guerra Fria seriam definidos pelas diferenças culturais, e não pela economia, conforme o tema central do livro, que se segue: *“...a cultura e as identidades culturais, que, no seu nível mais amplo, são as identidades civilizacionais, estão moldando os padrões de coesão, desintegração e conflitos no mundo pós-Guerra Fria”*<sup>6</sup>.

Esta proposição geraria, entre outros, os seguintes corolários os quais são abordados ao longo da obra, e brevemente estudados ao longo deste trabalho: pela primeira vez na história, a política global é multipolar e multicivilizacional; o balanço de poder entre as civilizações está em mudança devido à explosão demográfica do mundo islâmico, com consequências políticas para os países muçulmanos e seus vizinhos; está emergindo uma ordem mundial em que o estado nacional permanece sendo o principal ator nas relações internacionais, porém a sua busca por poder e riqueza passa a ser baseada e preferências culturais, coisas em comum, e diferenças,

---

<sup>5</sup> HUNTINGTON, Samuel. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. Nova Iorque: Simon and Schuster, 2011.

<sup>6</sup> *“... culture and cultural identities, which at the broadest level are civilization identities, are shaping the patterns of cohesion, disintegration, and conflict in the post-Cold War world (HUNTINGTON, 2011, p.20).*

baseada nas civilizações, com países que compartilham os mesmos valores culturais, bem como se agrupando em torno de Estados-líderes<sup>7</sup>.

Assim, segundo o autor, as principais diferenças entre os povos no mundo pós-Guerra Fria não são econômicas, políticas ou ideológicas, mas culturais<sup>8</sup>. O sentimento de identidade que cada ser humano necessita desenvolver o faz se identificar com tribos, grupos étnicos, comunidades religiosas, nações e, no seu nível mais amplo, civilizações<sup>9</sup>. Segundo o autor, o mundo estaria dividido entre oito civilizações, a saber: Ocidental, Latino-Americana, Eslava, Islâmica, Africana, Hindu, Chinesa e Japonesa<sup>10</sup>.

Com efeito, de acordo com o autor, no mundo do pós-Guerra Fria, a maior distinção existente entre as pessoas não é ideológica, política ou econômica, mas cultural, sendo que esse elemento é o que faria as pessoas se identificarem com sua tribo, grupo étnico, comunidade religiosa, nação e no nível mais amplo, sua civilização<sup>11</sup>. Tal é a importância da conceituação que o autor afirma que as distinções cruciais entre os grupos humanos se referem a seus valores, crenças, instituições e estruturas sociais, muito mais do que tamanho físico, formato de cabeça e cor de pele<sup>12</sup>. Destarte, a civilização, segundo o autor, é definida por elementos comuns, tais como língua, história, religião, costumes, instituições e pelo auto identificação subjetiva das pessoas, sendo o nível mais amplo de identificação, o mais amplo “nós”, que nos faz diferenciar de “eles”<sup>13</sup>.

Concluimos que o autor atribui importância ao fator cultural como aquele que é capaz de unir povos ou de partilhar Estados. O autor cita como exemplos de união cultural as Alemanhas, e possivelmente nas Coreias, ao passo que os exemplos de cisão ou conflito interno

---

<sup>7</sup> HUNTINGTON, 2011, p.20 e 21.

<sup>8</sup> Ibidem, p.21.

<sup>9</sup> Ibidem, p.21.

<sup>10</sup> Ibidem, p.45.

<sup>11</sup> Ibidem, p.21.

<sup>12</sup> Ibidem, p.42.

<sup>13</sup> Ibidem, p.43.



a antiga Iugoslávia, Nigéria, Sudão, Índia, Sri Lanka, entre outros<sup>14</sup>. Segundo o autor, as semelhanças e diferenças culturais modelam os interesses, antagonismos e associações de Estados e, portanto, a política local deve ser uma política de etnias, ao passo que a política global deve ser uma política de civilizações e rivalidade entre duas superpotências da Guerra-Fria foi substituída pelo Choque das Civilizações<sup>15</sup>.

Admitindo-se que a nova ordem mundial é baseada em civilizações, e que os antagonismos e associações são baseados no aspecto cultural, seguir-se-á o exame da dinâmica do relacionamento entre as supostas civilizações, bem como os conflitos dela decorrentes, segundo a teoria do Choque das Civilizações.

## **2.2 As Civilizações e os Conflitos nas Linhas de Falha**

As civilizações são uma composição de elementos culturais que muitas vezes suplantam as fronteiras políticas dos Estados, e não possuem fronteiras perfeitamente definidas, constituindo-se como o mais amplo nível de identificação do indivíduo, o que nos leva a concluir que, fora da civilização, o sentimento de identificação do indivíduo deixa de existir.

Tal ideia é corroborada pelo autor, segundo o qual, a convivência entre grupos de diferentes civilizações varia entre frias e hostis<sup>16</sup>, e poderiam ser classificadas como paz fria, guerra fria, guerra comercial, quase guerra, paz difícil, relações conturbadas, rivalidade intensa, coexistência competitiva, corrida armamentista<sup>17</sup>.

Considerando que o objeto do presente trabalho são os conflitos internos na Nigéria, um Estado cujo território é, segundo o modelo proposto pelo autor, transpassado pela fronteira

---

<sup>14</sup> HUNTINGTON, 2011, p.28.

<sup>15</sup> Ibidem, p.28.

<sup>16</sup> Ibidem, p.207.

<sup>17</sup> Ibidem, p.207.

entre duas diferentes civilizações, ou linha de falha<sup>18</sup>, passamos, doravante, a examinar as considerações sobre esses locais geográficos de encontro entre duas diferentes civilizações.

As linhas de falha são suscetíveis a conflitos intermitentes, podendo o grau de violência variar. Cada civilização tende a possuir um Estado-líder que será inclinado a dar suporte aos demais Estados da civilização no plano internacional. Nem todas as civilizações possuem um Estado-líder, como é o caso da civilização islâmica, da latino-americana e da africana. Segundo o autor, os conflitos de civilizações podem ocorrer de duas maneiras, a saber: conflitos de linhas de falha, quando podem variar de conflitos intraestatais, como o caso da Nigéria, objeto da presente pesquisa, ou quando a fronteira entre dois Estados também coincide com a fronteira de duas diferentes civilizações, como no caso da Índia e Paquistão; ou conflitos entre Estados-líderes, os quais, em razão da capacidade de envolverem os demais Estados de sua civilização, possuem tendência para a escalada e, assim, transformar um conflito entre Estados em um conflito entre civilizações, e são considerados os clássicos de política internacional<sup>19</sup>.

Portanto, pode-se compreender o porquê de guerras entre clãs, tribos, grupos étnicos e comunidades religiosas sempre haverem ocorrido ao longo de toda História, e em todas as civilizações, as quais encerram o grau de afinidade e identidade das pessoas o que explicaria a tendência de os conflitos entre grupos pertencentes a diferentes civilizações se tornarem muito violentos. Entende-se, assim, que relativamente a tudo que é externo a essa fronteira estabelecida por meio de processos históricos de séculos, existem sentimentos que variam entre frieza e conflito. Por tal razão, os conflitos decorrentes da proximidade de duas diferentes civilizações possuem a tendência de serem longos, embora possam ser interrompidos por períodos de tréguas, mas tendem a irromper, ciclicamente, pois a despeito da passageira paz, os

---

<sup>18</sup> HUNTINGTON, 2011, p.26 e 27 (mapa) e 136.

<sup>19</sup> Ibidem, p.207.

elementos para a situação conflituosa, ou seja, questões fundamentais como poder e identidade de grupo, permanecem coexistindo. Por isso, muitas dessas guerras atuais, seriam, na verdade, a continuação de conflitos históricos e violentos.

O legado histórico de tais conflitos existe e é explorado gerando insegurança e medo de ambos os lados. Dessa forma, quando acordos para o esfriamento do conflito são firmados, os termos são negociados, porém não há aceitação plena para eliminação do conflito. Em caso de ausência de possibilidade de saída negociada, a simples tentativa de uma vitória militar decisiva, significa, na verdade, eliminar ou expulsar um contingente populacional de um determinado território, e terá a perspectiva de tornar uma guerra civil em um genocídio, ou mesmo uma limpeza étnica, tendo em vista que o conflito passa a ser o objetivo. Nesses casos, as fronteiras entre civilizações podem ser redesenhadas. Outra característica dos conflitos nas linhas de falha, além de serem duradouros, intermitentes, com grau de violência variável, é o fato de que tais conflitos podem ocorrer ou entre Estados, ou entre grupos não-governamentais, como também entre um grupo não-governamental e um Estado. Como a religião é o principal definidor característico de uma civilização, as guerras de linhas de falha são normalmente entre povos ou grupos de diferentes religiões. Outras guerras de comunidades tendem a serem particularistas, e dificilmente poderiam se espalhar e envolverem outros participantes. Guerras de linhas de falha, são por definição, conflitos entre partes de grupos culturais maiores.

Os conflitos das linhas de falha ressurgem com o fim da Guerra Fria, e os muçulmanos teriam papel central nessa conjuntura<sup>20</sup> em razão de, segundo o autor, o período também ser marcado por grande crescimento demográfico da população islâmica<sup>21</sup>, ausência de um Estado-líder na civilização<sup>22</sup> e uma grande massa de jovens desempregados<sup>23</sup>. A

---

<sup>20</sup> HUNTINGTON, 2011, p.259

<sup>21</sup> Ibidem, p.116

<sup>22</sup> Ibidem, p.264.

<sup>23</sup> Ibidem, p.265.

justaposição de uma população de uma cultura que cresce rapidamente a outra população estagnada ou com crescimento lento gera pressões para ajustes políticos e econômicos de ambos os lados<sup>24</sup>.

As guerras das linhas de falha tendem a ter vida própria e desenvolver um padrão de ação – reação. As identidades dos indivíduos que, em estado inicial, são casuais e múltiplas se tornam rígidas de bem definidas. À medida que há a escalada do conflito, o objeto da contenda tende a ser redefinido como um "nós" contra "eles" e a coesão e comprometimento do grupo aumenta. Líderes políticos ampliam e aprofundam seus apelos à lealdade étnica e religiosa. A dinâmica do ódio emerge e se torna comparável ao dilema da segurança nas relações internacionais, em que se alimentam o medo, a desconfiança e ódio mútuos<sup>25</sup>. No curso da guerra, múltiplas identidades se diluem e a identidade mais distintiva em relação ao conflito aflora. Essa identidade quase sempre é a religião, pois tende a ser a justificativa mais encorajadora e sustentada para a luta contra as forças "infiéis" que são vistas como ameaçadoras. A irracionalidade conduz a posição maniqueísta da liderança, com apelo dramático, e amplia a distinção entre as forças do bem e do mal e, eventualmente, tenta transformar esta distinção na diferença entre a rapidez e a morte<sup>26</sup>. Assim, é possível concluir que o autor afirma que existe um ponto em que a liderança dos lados passa a trabalhar em prol do conflito.

Quando o ódio domina os corações, que internamente dominam as mentes dos indivíduos de um grupo, os grupos políticos mais moderados, tais como os Mencheviques<sup>27</sup>, ou

---

<sup>24</sup> HUNTINGTON, 2011, p.119.

<sup>25</sup> Ibidem, p.266.

<sup>26</sup> Ibidem, p.267.

<sup>27</sup> Mencheviques - Principal corrente reformista pequeno burguesa na social-democracia da Rússia. Variedade do oportunismo internacional. O menchevismo se formou em 1903, no II Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia (POSDR), unificando adversários do princípio leninista de estruturação do partido de novo tipo, que ao serem eleitos os organismos centrais do partido, resultaram em minoria (o nome menchevismo em russo significa minoria). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/menchevismo.htm>>. Acesso em: 29 de julho de 2015.

os Girondinos<sup>28</sup>, que tendem lutar por objetivos mais modestos, por meio da negociação, tendem a perder espaço para grupos mais radicais que almejam objetivos mais audaciosos por meio da violência, tais como os Bolcheviques<sup>29</sup> ou os Jacobinos<sup>30</sup>, e a vitória dos extremistas é transitória pois a violência não tem mais sucesso em encerrar um conflito em uma linha de falha do que negociações moderadas. À medida que as mortes aumentam, a moderação, por meio de negociações tende a ser uma aspiração de ambos os lados, a fim de encerrar a insensatez de tudo aquilo e clamor crescente por uma solução negociada<sup>31</sup>.

Guerras de linha de falha são, por definição, guerras locais entre grupos locais com conexões mais amplas que promovem as identidades civilizacionais por entre seus participantes. Nas guerras de linha de falha, cada lado enfatiza não apenas a identidade civilizacional, mas também a identidade do lado oposto e, desta forma, mesmo em um conflito local, os lados se veem não apenas combatendo um grupo étnico, mas uma civilização inteira. A ameaça é, então, amplificada pelos recursos e tamanho da outra civilização e a derrota passa a ter consequências não apenas para um dos lados do conflito, mas para toda a civilização de que faz parte. Isso faz surgir a necessidade de que toda a civilização se mobilize em suporte ao conflito, e a guerra passa a ser religiosa, um choque de civilizações, carregado de grandes consequências para a humanidade.

---

<sup>28</sup> Girondinos - eram os deputados de um departamento do interior da França, a Gironda, área próspera da costa atlântica, tendendo a representar os interesses comerciais e a visão de mundo da burguesia ilustrada, que oscilava entre a monarquia constitucional e a república. A posição deles a favor da conciliação com a monarquia. Disponível em: <[http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/rev\\_francesa\\_dois2.htm](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/rev_francesa_dois2.htm)>. Acesso em: 29 de julho de 2015.

<sup>29</sup> Bolcheviques - Corrente revolucionária consequentemente marxista do pensamento político no movimento operário internacional, que surgiu no princípio do século XX, na Rússia e se modelou em um partido proletário de novo tipo, o Partido Bolchevique, fundado por Lenin. No II Congresso do POSDR (1903), durante as eleições dos organismos dirigentes do partido, os adeptos de Lenin constituíram a maioria (em russo: *bolchinstvó*, e daí provêm o nome de bolcheviques.). Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/b/bolchevismo.htm>>. Acesso em: 29 de julho de 2015.

<sup>30</sup> Jacobinos – Na Revolução Francesa, tinham esse nome derivado do seu local de encontro, o Convento de S.Jacques, em Paris. Com o tempo o clube dos jacobinos tornou-se uma poderosa facção revolucionária compostas pelos democratas mais ardentes e pelos revolucionários mais radicais. Os seus líderes mais representativos foram Maximilien Robespierre, Georges Danton, Louis Saint-Just e Georges Couthon. Disponível em: <[http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/rev\\_francesa\\_dois2.htm](http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/rev_francesa_dois2.htm)>. Acesso em 29 de julho de 2015.

<sup>31</sup> HUNTINGTON, 2011, p.266.

A percepção de guerras de linha de falha como choques de civilizações também deu nova vida à teoria do dominó, que existiu durante a Guerra Fria. Agora, entretanto, são os Estados-líderes das civilizações que viram a necessidade de prevenir a derrota em um conflito local, que poderia ser o estopim de uma sequência de uma escalada de derrotas. Assim, é esperado que os lados obtenham suporte de Estados da mesma civilização, tais como: oficial ou não oficial, aberto ou discreto, material, humano, diplomático, financeiro, simbólico ou militar. À medida que o conflito escala, cada lado tende a fomentar o ódio classificando o oponente como sub-humanos, legitimando assassinatos em massa, estupros, tortura e expulsão brutal de civis, pois o ódio fomenta o ódio, tornando tudo o que representa cultura alheia se torna alvo<sup>32</sup>.

No mundo pós-Guerra Fria, a pressão aos Estados fracos e novos pelo alinhamento às superpotências, foi substituída pela conjuntura de superpotência única. Todavia, conflitos locais que envolvam diferentes civilizações tendem a escalar muito mais que conflitos intracivilizacionais, na medida que o seu prolongamento irá promover apoio crescente dos países da mesma civilização e, normalmente, requererá suporte intercivilizacional para a sua contenção. Dessarte, o autor conclui que, enquanto na Guerra Fria o conflito surgia no topo e descia, nas linhas de falha, o conflito ferve debaixo para cima<sup>33</sup>. O autor cita, como exemplo, a Guerra da Bósnia, na antiga Iugoslávia, em que diversos países muçulmanos apoiaram com dinheiro, armas, tropas e treinamento os muçulmanos bósnios contra os croatas ocidentais e contra os sérvios ortodoxos, deixando a lição de que a duração do conflito teve o efeito de aumentar o ódio e o sentimento de divisão entre esses grupos que formaram, por décadas, um mesmo Estado<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> HUNTINGTON, 2011, p.271.

<sup>33</sup> Ibidem, p.272.

<sup>34</sup> Ibidem, p.285.

A violência nas linhas de falha pode ser interrompida por um período, porém raramente se encerra em definitivo, e o que ocorre, na verdade, é uma sucessão de tréguas, cessar-fogos ou armistícios, pois esses conflitos possuem a característica de “liga-desliga”, pois estão baseados em relações antagônicas entre grupos de diferentes civilizações e, ao mesmo tempo, proximidade geográfica<sup>35</sup>. Dessa maneira, o extermínio de um dos grupos pode levar ao fim definitivo do conflito, porém o que se percebe é que esses conflitos são, na verdade, intermitentes e intermináveis, caracterizados pela violência, a qual cessa quando as mortes de certa forma trazem aos lados o sentimento de que exaustão e, assim, os radicais de ambos os lados não mais conseguem mobilizar a fúria popular, cabendo aos moderados a retomada das negociações, para que ambos os lados possam refazer seus recursos<sup>36</sup>. Evitar ou prevenir essas guerras e conflitos e sua escalada para conflitos globais depende primariamente dos interesses e a ação dos Estados-líderes das grandes civilizações mundiais, pois as guerras de linhas de falha borbulham de baixo enquanto que a paz nessas regiões é influenciada de cima<sup>37</sup>.

Os críticos de Huntington, como Mahbubani (1994) afirmavam que o receituário que ele passava para a manutenção da hegemonia Ocidental, que seria a de não-intervenção nos conflitos das demais situações seria visto pelo mundo como um recuo tão danoso quanto a sua dominação hegemônica, e que, dessa forma, o Ocidente produziria seu próprio declínio relativo<sup>38</sup>. Ajami (1994, apud VESENTINI, 2013) afirmou que, a despeito da existência de luta entre poderes seculares e uma alternativa islâmica no Egito e na Argélia, não se poderia apressar o estado necrológico dos referidos Estados, e a Turquia não iria querer virar as costas para a Europa, por sua tradição secular<sup>39</sup>. Em 2015, entretanto, o Egito encontra-se sob regime

---

<sup>35</sup> HUNTINGTON, 2011, p.291.

<sup>36</sup> Ibidem, p.291.

<sup>37</sup> Ibidem, p.298.

<sup>38</sup> MAHBUBANI, Kishore. The Dangers of Decadence. What the Rest Can Teach the West. Foreign Affairs, Ed. Sep/Oct 1993. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/asia/1993-09-01/dangers-decadence-what-rest-can-teach-west>. Acesso em: 31 JUL.2015.

<sup>39</sup> AJAMI, F. A convocação. In: Política Externa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, v.2, n°.4, pp.161-167, apud VESENTINI, José. Novas Geopolíticas. 5ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

ditatorial, em grande turbulência política após a derrubada de um governo islâmico eleito democraticamente, com execuções de membros da Irmandade Muçulmana (ALJAZEERA, 2015), a Argélia luta contra a facção da Al-Qaeda no Magreb (ABC.es, 2015) e a Turquia não sucedeu em se integrar à União Europeia, seguindo, todavia, como uma democracia, porém com um governo islamista (CNBC, 2015), envolvida nas questões da Síria e Iraque.

Pode-se concluir, assim, que as diferenças culturais entre as civilizações, limite mais amplo do elemento de identidade dos indivíduos, e cujas maiores expressões são a etnia e a religião, seriam os principais fatores motivadores dos conflitos do período pós-Guerra Fria, que não necessariamente se dão entre exércitos de Estados. Os conflitos entre civilizações, os quais ocorrem nas linhas de falha, em razão do potencial de escalada para guerras que envolvam apoio financeiro, militar e diplomático de países afins, além das características de duração e extrema violência, deveriam ser objeto de preocupação da comunidade internacional.

Assim, após breve síntese da teoria do Choque das Civilizações, seguir-se-á o exame das circunstâncias históricas, culturais e políticas dos conflitos na Nigéria até o surgimento do *Boko Haram*.



### 3 O CONFLITO NA NIGÉRIA

Este capítulo é dedicado a uma breve descrição dos processos históricos que levaram a Nigéria à situação atual de conflitos religiosos, desde a disseminação do Islã na África Ocidental, na região norte do seu território, passando pelo período de instabilidade política desde a independência do país, em 1960, até a instalação da democracia, em 1999, que, no entanto, não aplacou a violência em diversas províncias, por ação de fundamentalistas religiosos, cuja maior expressão é o *Boko Haram*, responsável por inúmeros atentados e sequestros, e que já causou milhares de mortes e de refugiados.

#### 3.1 A diversidade étnica e a consolidação do Islã no Norte do País

A disseminação do Islã na África Ocidental se inicia no séc. VII, e se deu, principalmente, em razão dos contatos entre africanos e árabes, os quais dominavam as rotas de comércio pelos árabes, na região do *Sahel* (HILL, 2009). Posteriormente, a partir do século XIV, diversos Estados muçulmanos já se desenvolviam mais para leste, na atual Nigéria setentrional, local que é conhecido como *Hausaland* (HILL, 2009). Todavia, é no século XIX que um movimento de intelectuais e estudiosos da religião muçulmana criam um forte movimento fundamentalista que lutava pela purificação das práticas religiosas, com condenação de assimilação de cultura pagã (HILL, 2009). Em *Hausaland*, os muçulmanos conseguiram êxito na *Jihad*<sup>40</sup>, ao fazer revolução política, liderados pelo professor e filósofo Uthman Dan Fodio, criando em 1809 um novo estado muçulmano, o Califado Sokoto, FIG. 1, no ANEXO B, que se tornou um poderoso império islâmico até a sua derrota e conquista pelos

---

<sup>40</sup> *Jihad* - A raiz da qual a palavra se origina, tem o significado geral de “esforço” ou “luta” ou empenho de um indivíduo para o seu próprio bem (*jihad al-nafs*) ou para o bem coletivo e assumiu um caráter apologético e/ou missionário, mesclando-se com doutrinas políticas ocidentais e formas de ativismo social ou político. Como forma de resistência, assimilou-se à guerra ou guerrilha contra a invasão estrangeira no Marrocos e na Argélia, no Cáucaso (Tchechênia e Daguestão), estando associado também a conquistas territoriais como o Califado de Sokoto no século XIX, na atual Nigéria (CHEREM, 2009).

colonizadores britânicos, no início do século XX (HILL, 2009; MUDASIRU, 2009). Todavia, a modernização dos meios de comunicação e transporte decorrente da colonização europeia impulsionaram a expansão do Islã, em escala muito maior do que a assimilação da cultura europeia (MUDASIRU, 2009). Do califado, resta o legado de uma comunidade islâmica estruturada e organizada em torno de uma liderança ligada à tradição sufista<sup>41</sup>, de características moderada e conservadora (FOREST, 2014).

A Nigéria moderna possui um território de 923 mil Km<sup>2</sup>, pouco maior que o estado do Mato Grosso, dividido em 36 governos estaduais e 774 governos locais e que reúne, em seu território, centenas de diferentes etnias e uma população seccionada em duas religiões predominantes: a muçulmana e o cristianismo, em regiões geograficamente definidas, respectivamente, no norte, no qual a etnia predominante é a *Hausa*; e no sul, no qual predominam as etnias *Igbo* e *Yoruba* (FOREST, 2014).

A economia nigeriana é largamente baseada na exportação das reservas de petróleo, descobertas em 1958, na região do delta do Niger, o que levou o país a atingir uma renda per capita superior ao da média da África Subsaariana. Todavia, a prosperidade originária do crescimento econômico recente está concentrada em uma pequena parcela da população, e limitada na porção meridional do seu território, razão pela qual possui uma das mais pobres populações do mundo em indicadores sociais, e mais ainda, com grande disparidade regional econômica entre o norte muçulmano e o sul cristão (THE WORLD BANK, 2015; NPC & ICF, 2014). Após compreender as origens da divisão étnico-religiosa da Nigéria, passamos, agora, a examinar a conturbada história política do país, após sua independência e suas conexões com essas origens.

---

<sup>41</sup> Sufismo – (*tasawwuf*) é o nome dado ao misticismo no Islã. O termo engloba a filosofia e práticas que intencionam a estabelecer a comunicação direta do homem com Deus. Não há concordância entre os acadêmicos sobre as origens do sufismo, pois não há menção a ele no Corão, nem nos dicionários árabes que foram compilados no século VIII. De acordo com (d. 465/1074), autor de toda a Risala, a palavra Sufista era um termo genérico para descrever indivíduos adotando um a atitude religiosa particular baseada na austeridade e espiritualidade, e só foi empregada no início do século IX (KHANAN, 2009, tradução nossa).

### 3.2. Independência, instabilidade política e democracia na Nigéria

A diversidade étnica e religiosa contribuiu para que, após a independência, em 1960, no governo do Primeiro-Ministro Tafawa Balewa, a constituição de fundação do país tivesse uma essência secular, embora houvesse relativa autonomia de cada uma das regiões, cabendo ao governo central poderes exclusivos nas áreas de defesa, relações internacionais e políticas fiscais (FOREST, 2014). Pode-se observar na FIG.2, no ANEXO C, que esse traço de organização política perdura até os dias atuais, considerando a grande quantidade de estados do norte do país nos quais vigora a *Sharia*<sup>42</sup>, a lei religiosa islâmica, de maneira parcial, para jurisdição sobre as questões judiciais familiares, todavia sem jurisdição penal, o que motivou a alguns clérigos radicais a incitarem o não reconhecimento do estado nigeriano, os quais defendem uma implantação integral da *Sharia* (FOREST, 2014). Essa posição pode ser atribuída a um versículo corânico que diz que: “Não tome judeus e cristãos como aliados”<sup>43</sup>.

Em janeiro de 1966, um grupo de oficiais, a maioria *Igbos*, liderados pelo Mj. Gal. Johnson Aguiyi-Ironsi derrubaram o governo do primeiro-ministro Balewa e o assassinaram (FOREST, 2014). Todavia, o governo militar não foi capaz de aplacar as tensões étnicas ou produzir uma nova constituição de consenso (FOREST, 2014). Em julho de 1966, o país sofreu novo golpe de estado, desta vez por um grupo de oficiais apoiados pelos *Hausa*, do norte, e liderados pelo Ten.Cel. Yakubu Gowon (FOREST, 2014). Nesse período, ocorreu o massacre de milhares de *Igbos*, no norte do país, os quais se refugiaram no sudeste do país, contribuindo para fortalecer o movimento insurgente *Igbo*, que resultaria, meses mais tarde, em violenta guerra civil. Esta rebelião secessionista teve início em 1966, com a fundação da "República de

---

<sup>42</sup> *Sharia* - significa em árabe "O bom e claro caminho para a água". Islamicamente, é usado para se referir aos assuntos de religião que Deus tem legislado para Seus servos. (...) A *Sharia* regulamenta todas as ações humanas e as coloca em cinco categorias: Obrigatórias, Recomendadas, Permitidas, Não-Recomendadas e Proibidas. Disponível em: <http://www.arabesq.com.br/Principal/Islamismo/IslamismoArticle/tabid/175/articleID/1789/Default.aspx>. Acesso em 29 de julho de 2015.

<sup>43</sup> Alcorão, Surata 5 “*Al-Maída*” (A Mesa Servida), versículo 51.

Biafra", na região do Delta do Niger, custou a vida de mais de 2 milhões de nigerianos, e foi encerrada em 1970, com a derrota dos rebeldes (FOREST, 2014). A sequência de regimes ditatoriais militares somente possibilitou a transição para o governo civil, em 1979, com a eleição do presidente Shehu Shagari, e o início da vigência da nova constituição. Naquele período, explode a violência religiosa com o movimento *Maitatsine*<sup>44</sup>, o qual, segundo Adesoji (2011), foi o primeiro grande levante do fundamentalismo islâmico contra o Estado nigeriano. O *Maitatsine* teve origem no Movimento Islâmico na Nigéria, de linha fundamentalista xiita, ainda nos anos 70, e seu líder, o camaronês Muhammadu Marwa, defendia a rejeição à tecnologia ocidental, bem como a adoção de uma versão estrita da *Sharia* (ADESOJI, 2011). A instabilidade política e religiosa resultou, quatro anos mais tarde, em novo golpe de estado, liderado pelo Gal. Muhammadu Buhari, que derrubou o governo do presidente Shagari e inaugurou novo período de governos ditatoriais militares (FOREST, 2014).

A transição dos regimes ditatoriais inaugurados em 1983 para o regime democrático atual somente ocorreu com a realização de eleições, em 1999, havendo sido eleito o ex-ditador Olegun Obasanjo, de ascendência sulista, e que, posteriormente, foi reeleito em 2004, com 60% dos votos, a despeito de diversos relatos de fraude nas apurações (FOREST, 2014). Durante o governo de Obasanjo, uma tentativa de golpe de estado, em 2004, por oficiais cuja maioria pertencia à etnia *Hausa*, foi desbaratada (FOREST, 2014). Entretanto, nas eleições seguintes, em 2007, os nortistas conseguiram eleger seu candidato a presidente, Umaru Musa Yar'Adua, o qual deu continuidade a muitas políticas iniciadas por Obasanjo, além de ter iniciado um programa de anistia, para que os militantes *Igbos*, do Delta do Niger, entrassem em negociação para encerrar a longa insurgência na região (FOREST, 2014). Cabe

---

<sup>44</sup> No idioma Hausa, a palavra *Maitatsine* significa "aquele que não se importa". Se refere a movimento insurgente muçulmano xiita, liderado pelo clérigo Mohammed Marwa, que ocorreu no início dos anos 80 após a reforma democrática em 1979, que resultou em instabilidade política que levou a um golpe de estado pelo general Muhammadu Buhari, em 1983 (ADESOJI, 2011).

ressaltar que esta foi a primeira transição de um presidente eleito democraticamente para outro, sendo considerado um ponto de inflexão para a história política do país (FOREST, 2014).

Entretanto, em 2010, Yar'Adua deixou a presidência da república por motivos de doença, e veio, posteriormente, a falecer, havendo assumido o vice-presidente Goodluck Jonathan, do Partido Democrático da Nigéria, um sulista da etnia *Ijaw*. Posteriormente, em 2011, Jonathan, concorreu e venceu as eleições, consideradas por analistas independentes as mais honestas até então, a despeito de não ter recebido metade dos votos do país (FOREST, 2014), conforme podemos visualizar na FIG. 3, no ANEXO C. Os estados ao norte da capital Abuja votaram, por larga maioria, a favor do candidato derrotado, o nortista e ex-ditador Muhammadu Buhari, fato que aprofundou as diferenças étnico-religiosas entre sul e norte, às quais se somava a crescente disparidade econômica entre as regiões. As elites do norte do país entendiam que, após dois mandatos de um sulista (Obasanjo), seguidos de um presidente nortista (Yar'Adua) que, todavia, não pôde completar seu mandato, seria justo que, nas eleições seguintes, outro nortista tivesse sido eleito (FOREST, 2014). No entanto, a vitória do sulista Jonathan provocou, nos estados do norte do país, a explosão de violência política, que rapidamente ganhou contornos étnico-religiosos, com o questionamento das lideranças islâmicas moderadas, tais como o Sultão de Sokoto, o Emir do Kano, e o Emir de Zaria, resultando em cerca de 800 mortes e 65 mil refugiados, com ataques a repartições públicas, lojas, igrejas e mesquitas, cessando após violenta repressão pelo governo (FOREST, 2014). Jonathan completou seu mandato e, em março de 2015, concorreu à reeleição, sendo, porém, derrotado por Muhammadu Buhari, que é o atual chefe de Estado.

Destarte, é possível concluir que as divisões étnicas e religiosas da população tiveram e ainda têm grande influência na situação de instabilidade política do país, e violência sectária, da qual o *Boko Haram* é a sua expressão mais violenta da atualidade. Segue-se um breve exame acerca do surgimento e das ações do *Boko Haram*.

### 3.3 Fundamentalismo religioso e o surgimento do *Boko Haram*

O *Boko Haram*, cujo nome oficial é *Jama'atu Ahlis Sunna Lidda'awati wal-Jihad*, ou Pessoas Dedicadas à Propagação dos Ensinamentos do Profeta e a *Jihad* (tradução nossa), é predominantemente formado por elementos da etnia minoritária *Kanuri*, originária das províncias do norte (FOREST, 2014). Para Forest (2014), o marco de origem do grupo é a fundação, pelo clérigo Ustaz Mohammed Yusuf de um complexo religioso composto de mesquita e escola, em Maiduguri, no estado de Borno, em 2002. Yusuf nasceu no ano de 1970, e na juventude participou de movimentos como o Movimento Islâmico na Nigéria (IMN), que era um movimento de orientação xiita, com suporte iraniano, que replicava a retórica anti-americana, com treinamento de paramilitares, nos moldes da Guarda Republicana e Hezbollah (ZEEN, 2014a). Yusuf, porém, deixou a IMN, ainda nos anos 80, em razão de ele e outros sunitas acreditarem que o movimento tinha, na verdade, uma agenda xiita e veneração de líderes iranianos (ZEEN, 2014a). No período, a Arábia Saudita iniciou o financiamento de grupos salafistas<sup>45</sup> nigerianos que se opunham à IMN, com o intuito de deter o crescimento da influência iraniana na região (ZEEN, 2014a). Em 1994, Yusuf aderiu, então, a uma organização, a organização *Jama'atul Tajdidi Islam* (JTI), ou Movimento Para a Remoção da Inovação e Restabelecimento do Islã Sunita (tradução nossa), que defendia a adoção fiel da doutrina saudita salafista, a rejeição aos líderes muçulmanos tradicionais, da etnia *Hausa*, e ao governo secular da Nigéria, ao xiismo e ao pan-islamismo da Revolução Iraniana (ADESOJI, 2011; ZEEN, 2014). Yusuf atraiu pessoas de alto nível intelectual, tais como banqueiros, universitários, funcionários públicos, mas também desempregados ou desocupados, mobilizados pela gravosa situação socioeconômica dos estados do norte (ADESOJI, 2010), e

---

<sup>45</sup> Salafismo - designa um conjunto vasto de movimentos dentro do Islão, que possui como característica a rejeição do uso da razão na interpretação das fontes textuais corresponde, metodologicamente, uma absoluta fidelidade ao Alcorão e à *sunna*, dois documentos fundamentais do Islã (LEITE, 2013).

passa a discordar abertamente dos demais líderes salafistas, defendendo a abolição de todo *boko*, ou educação ocidental, a proibição de filmes, esportes e não reconhecimento do governo oficial, bem como de líderes muçulmanos que não seguissem a orientação salafista (ZEEN, 2014a). Também, com referências ao movimento islamista na Argélia, Yusuf defendia que nenhuma negociação seria feita com o governo secular, e que a *Jihad* duraria até que todo o país estivesse sob a *Sharia* (ZEEN, 2014a).

No final de 2003, os seguidores de Yusuf praticaram ações contra delegacias policiais, sendo duramente reprimidos, com destruição do acampamento sede, bem como com a proibição de a comunidade de se formar de novo. Alinhando-se ao movimento Talibã, no Afeganistão, Yusuf nomeou seu grupo como o “Talibã africano”, e tentou fundar a comunidade “Afeganistão”, no estado de Yobe, o que resultou em embates violentos entre seus seguidores e as autoridades locais (FOREST, 2014; ZEEN, 2014a). Tal fato leva Yusuf a um de seus mais contundentes discursos, em que afirma que a luta armada seria a solução final para os muçulmanos da Nigéria (ZEEN, 2014a):

A única coisa que pode parar a matança de muçulmanos e os insultos contra o Profeta é a *Jihad*. Entretanto, o grupo deve exercer a paciência até que haja força para iniciar a *Jihad*. Nós somos favoráveis à *Jihad*, e a nossa *Jihad* visa a pôr um fim na democracia, na educação ocidental e na civilização ocidental. A *Jihad* deve visar fazer com que os muçulmanos retornem ao seu básico e original estado no Islã. (Yusuf, 2003, apud ZEEN, 2014a)

Portanto, apesar de a *Sharia* ter sido adotada em Borno e Maiduguri, bem como na maioria dos estados do norte do país, isto parecia não contentar Yusuf, pois o sistema não era rigoroso conforme os mais conservadores como Yusuf desejavam, porém não havia ainda uma orientação para o início da luta armada (ZEEN, 2014a).

O ódio à tática de “mão-pesada” da polícia detonou um grande levante armado nos estados pelos estados de Bauchi, Borno, Yobe e Kano (FOREST, 2014). A violência começou em 26 de julho de 2009, durante o governo de Goodluck Jonathan, com o ataque à delegacia da polícia de Dutsen Tanshi, no estado de Bauchi, seguindo-se ataques a outras delegacias de

polícia, escolas primárias, prisões de segurança máxima, igrejas, entre outros, levando à morte de 50 civis e 22 militantes (FOREST, 2014; ZEEN, 2014a). O exército nigeriano foi mobilizado para apoiar as forças policiais que estavam sob ataque do grupo, resultando na morte e prisão de muitos membros do *Boko Haram*, entre os quais Yusuf, executado publicamente no lado de fora da delegacia de polícia de Maiduguri, estado de Borno, em 30 de julho de 2009 (FOREST, 2014). Diversos membros fugiram para Mali para receber treinamento da AIQM (ZEEN, 2014a). Esses membros, posteriormente, se tornam dissidentes do grupo, integrando a *Ansaru*<sup>46</sup>, pois questionaram a nova liderança do Imã Abubakar Shekau (ZEEN, 2014a).

Em 2010, Shekau faz a declaração: “...a *Jihad* começou” (ZEEN, 2014a). Usando o desejo de membros do grupo de vingança pela morte de Yusuf, Shekau lutou para implementar *Jihad* armada contra a globalização e a nova ordem mundial, as quais estariam apoiadas sobre três pilares: a educação, tradição judaico-cristã e democracia (ZEEN, 2014a). A educação seria uma estratégia para invadir as mentes muçulmanas e destruir o Islã, devendo, portanto, ser substituída pelo ensino religioso; a tradição judaico-cristã permitiu interpretações mais liberais nas práticas das religiões modernas, o que a fazia estar associada aos Estados seculares, devendo ser, portanto, rejeitada; e o regime político democrático, o sentimento de patriotismo, honra aos símbolos nacionais significavam a secularidade do Estado com consequente rejeição à liderança suprema de Deus, incompatíveis com o Islã (ZEEN, 2014).

Em setembro de 2010, sob a liderança de Shekau, o grupo conduziu um ataque a uma prisão com a libertação de mais de 150 membros do grupo que haviam sido presos em 2009, por ocasião da revolta que culminou com a morte de Yusuf (THE GUARDIAN, 2010).

---

<sup>46</sup> *Ansaru* – organização terrorista nigeriana, fundada em 2011, ligada à rede Al-Qaeda, formada por membros dissidentes do *Boko Haram*, que não reconheciam a liderança do Imã Shekau. Suas ações também se distinguiam do *Boko Haram*, pois resultavam em poucas mortes de civis e seus alvos eram principalmente estrangeiros e interesses estrangeiros no noroeste da Nigéria, onde a influência de Shekau era mínima (ZEEN, 2014a).



Se, inicialmente, o grupo adotou a estratégia de atacar cristãos com pequenas armas, tais como machados e facas, a fim de provocar a violência sectária, o ataque à prisão foi executado com emprego de explosivos, o que reforça a ideia de que o grupo passou a receber suporte externo de outras organizações, como a AIQM e *Al-Shabaab*, na Somália (FOREST, 2014) que seriam as fontes de treinamento, financiamento e armas para o grupo (ZEEN, 2014a).

Territorialmente, os ataques do grupo se ampliam aos estados de Borno, Yobe, Plateau e Kaduna até que, em 26 de agosto de 2011, o grupo efetuou o atentado mais audacioso, até então, usando um carro suicida para atacar o prédio das Nações Unidas, na capital Abuja, com a morte de 22 pessoas e 80 feridos, o que seria o mais forte indício de alinhamento do grupo com outras organizações terroristas. O próprio Osama Bin Laden classificou a Nigéria como um país “pronto para a libertação”, e líderes do *Boko Haram* manifestaram aliança com a rede *Al-Qaeda*, cabendo ressaltar que a existência de grupos como o *Boko Haram* está em perfeito alinhamento com a estratégia da *Al-Qaeda* que seria: “pense globalmente e aja localmente” (FOREST, 2014).

Os alvos principais do grupo eram estrangeiros, cristãos e instituições governamentais e, também, líderes muçulmanos tradicionais, porque eram críticos do aumento da violência e por participarem do governo oficial. Esses ataques visavam a eliminar essas lideranças e conquistar influência junto à etnia majoritária *Hausa*. Entretanto, segundo Zeen (2014a), essas ações não têm tido muito sucesso, em razão de os ataques crescentemente resultarem na morte de civis, como em Kano (REUTERS, 2012) e o assassinato de 65 estudantes em uma faculdade de agricultura, em Yobe, em setembro de 2013 (SERGIE et al., 2011). As mortes de civis levaram inclusive ao rompimento com a rede terrorista *Al-Qaeda*, em razão de os ataques a estudantes, praticados pelo *Boko Haram*, haverem fornecido um

argumento ao Ocidente e à mídia ocidental de que os *mujahedin*<sup>47</sup> não representam o Islã (ZEEN, 2014a).

Embora a repressão ao grupo tenha tido uma aparente eficácia, suas ações são retomadas com força máxima, a partir de 2013. O grupo passa a desenvolver alianças com o Estado Islâmico do Iraque e Levante (ISIS) (REUTERS, 2015), aumentando a capacidade operacional e aumentando a violência e letalidade de seus ataques, contra a população civil, conforme podemos verificar no FIG. 4, no ANEXO D (EWI, 2015). Em janeiro de 2015, o grupo efetuou seu mais mortal ataque, na cidade de Baga, província de Borno, quando a cidade ofereceu resistência ao ataque inicial do grupo gerando posterior contra-ataque, com massacre da população civil (BBC, 2015). Recentemente, o *Boko Haram* mudou seu nome para Estado Islâmico na Província do Oeste Africano (ISWAP) (AKBAR, 2015; THE INDEPENDENT, 2015), o que pode ser comprovado, segundo Zeen (2014b), pelo uso recente de estratégias semelhantes, como raptos ora de mulheres, como o de Chibok, em 2014, para empreenderem atentados terroristas ou servirem de escravas sexuais; ora de meninos e jovens camaroneses, para serem reeducados em escolas corânicas do grupo, uma vez que a violência das ações empreendidas pelo grupo afugentou os jovens nigerianos daquela província para campos de refugiados. Tal fato indica que o grupo não tem conseguido apoio da população majoritariamente muçulmana do norte do país às suas posições políticas, em divergência ao que deveria ocorrer em um suposto conflito de linha de falha.

Após a abordagem histórica da violência política e religiosa na Nigéria, passa-se a analisar tais conflitos sob a ótica da teoria do Choque das Civilizações.

---

<sup>47</sup> *Mujahideen*: do árabe *mujāhidūn*, “aqueles que se engajam na Jihad”. Disponível em: <http://www.britannica.com/topic/mujahideen-Islam>. Acesso em: 29 de julho de 2015.

## **4 ANÁLISE DO CONFLITO**

Neste capítulo, passamos, então, a conduzir a análise do conflito na Nigéria com o fito de verificar se há possibilidade de ele ser explicado pela teoria do Choque das Civilizações, de Samuel Huntington, o que se conduzirá em duas etapas: preliminarmente, será analisada a afirmativa de que o território da Nigéria, objeto da presente pesquisa, é dividido por uma linha de falha. Caso afirmativo, pode-se deduzir que, por conseguinte, coexistem no território do país duas diferentes civilizações; as consequências dessa situação, posteriormente, serão examinadas sob o aspecto das características dos conflitos de linha de falha descritas na teoria, as quais serão confrontadas com as ações empreendidas pelo *Boko Haram*.

### **4.1 Existência de uma Linha de Falha na Nigéria**

A existência de uma linha de falha dentro do território da Nigéria pressupõe a existência de duas diferentes civilizações coabitando dentro de um mesmo território. Conforme descrito na teoria, jamais essas relações serão pacíficas, podendo variar entre períodos mais ou menos conflituosos. Segundo Huntington (2011), o território nigeriano possui uma linha de falha, na direção de leste para oeste, sendo que a porção sul do seu território seria ocupada pela civilização africana, enquanto a porção norte do território seria ocupado pela civilização islâmica. Considerando que Huntington (2011) afirma que a religião seria o principal distintivo entre os indivíduos, passa a ser mister o exame da questão religiosa no país a fim de que se possa verificar a existência de diferentes civilizações.

Conforme os processos históricos enumerados no subcapítulo 2.1, a rápida expansão do Islã, no século VII, até o estabelecimento de diversos impérios na região do Sahel, consolidou, ao longo de mais de mil anos, a fixação de um contingente populacional islâmico na região. Todavia, o primeiro movimento efetivamente fundamentalista islâmico foi o estabelecimento do Califado de Sokoto, no início do século XIX, que durou aproximadamente

um século (MUDASIRU, 2009). Segundo Hill (2009), a conquista do califado pelo colonizador europeu, longe de transformar a identidade da população da região mais ao norte do país, possibilitou o intercâmbio entre as sociedades islâmicas com a melhora na infraestrutura, facilitando a disseminação da religião muçulmana de maneira muito mais intensa que nos séculos anteriores.

Huntington (2011) destaca um importante aspecto peculiar da sociedade islâmica, que é o formato de “U” da lealdade dos indivíduos. Assim, os laços de solidariedade e identidade individuais são mais fortes no nível mais próximo, à tribo, família ou clã; decrescendo no meio, associado aos Estados nacionais; e tornando a aumentar no nível mais amplo, civilizacional, associado à religião islâmica<sup>48</sup>. Portanto, no Islã, o aspecto religioso é um traço de identidade mais marcante que a identidade nacional, ao contrário do comportamento ocidental. A implicação é que há a tendência de haver um sentimento de solidariedade sempre que um “irmão muçulmano” estiver sob ataque de uma potência estrangeira. Para exemplificar, Huntington (2011) usa o fato de que grande parte do mundo árabe se opunha à ação norte-americana no Kuwait, em 1991, a despeito de todas as circunstâncias que resultaram na operação “Tempestade no Deserto”<sup>49</sup> e de o regime iraquiano ser classificado até mesmo pelos árabes como uma ditadura<sup>50</sup>.

Outro aspecto marcante do período do final do século XX que irá contribuir para reforçar o sentimento de identidade muçulmana é o chamado Renascimento do Islã (BLAYNEY, 2011). Segundo Huntington (2011), essa ascensão do mundo islâmico pode ser atribuída ao crescimento demográfico de sua população somado à melhora das condições de vida, muito em parte pela exploração de petróleo, sobremaneira após as crises de 1973 e 1979.

---

<sup>48</sup> HUNTINGTON, 2011, p.174.

<sup>49</sup> *Desert Storm* – nome da operação militar da coalizão liderada pelos EUA, autorizada pela ONU, para a libertação do Kuwait da ocupação de tropas iraquianas, em 1991 (HUNTINGTON, 2011).

<sup>50</sup> HUNTINGTON, *op.cit.*, p.248.

No aspecto cultural, o século XX foi um período de aprofundamento das diferenças e radicalização entre o Ocidente e o Islã, pois o Ocidente desfrutou de uma posição hegemônica nos aspectos econômico e militar. No campo social e político, essas divergências se manifestaram em temas como a laicidade do Estado, tolerância aos vícios, rebeldia e consumismo (BLAINEY, 2008; HUNTINGTON, 2011). A radicalização e reação islâmicas podem ser apontadas como a causa do surgimento de organizações fundamentalistas. Na África Ocidental, podem servir como exemplos destas organizações fundamentalistas o *Ansar-Al-Dine*, *Al-Shabaad*, *AIQM* e o *Boko Haram* (SIMIONI, 2014). A visão islâmica do Ocidente pode ser sintetizada no trecho abaixo:

“[...] (the West) alone decides if satellites will be used to educate Arabs or to drop bombs on them [...] It crushes our potentialities and invades our lives with this imported products and televised movies that swamp airwaves [...] (It) is a power that crushes us, besieges our markets, and control our merest resources, initiatives, and potentialities. That was how we perceived our situation, and the Gulf War turned our perception into certitude”. (MERNISSI, 1992 apud HUNTINGTON, 2011, p.214)<sup>51</sup>

Dessa maneira, grupos radicais, como o *Boko Haram* interpretam a *Jihad* como uma luta de submissão ou conversão global ao Islã, dado o caráter universalista da religião islâmica, motivo pelo qual nos principais conflitos entre diferentes civilizações, um dos lados é a civilização muçulmana (HOURANI, 1991; HUNTINGTON, 2011). Mohammed Yusuf, e posteriormente Mohammad Shekau, reiteram a característica de radicalizarem a implantação integral da lei islâmica e se oporem ao Estado nigeriano, aos EUA, que representam o Ocidente, bem como a quaisquer forças que ameacem o Islã, que incluem as lideranças muçulmanas tradicionais e moderadas da Nigéria (ZEEN, 2014a). Esse aspecto de impossibilidade de

---

<sup>51</sup> “[...] (o Ocidente) decide sozinho se os satélites serão usados para educar os árabes ou para jogar bombas sobre eles [...] isso esmaga as nossas potencialidades, invade nossas vidas com esses produtos importados e filmes transmitidos que inundam as radiofrequências [...] (Isso) é um poder que nos esmaga, que sitia nossos mercados, e controla todos os nossos recursos, iniciativas e potencialidades. Isso era como nós percebíamos nossa situação, e a Guerra do Golfo tornou nossa percepção em certeza ” (tradução nossa).

convivência entre os radicais islâmicos e outras culturas se revela adequado aos pressupostos de conflito interminável nas linhas de falha.

Entretanto, considerando que a etnia predominante do *Boko Haram* é a *Kanuri*, não há, portanto, identidade étnica entre o grupo e as três etnias majoritárias da Nigéria, a saber: a *Hausa*, no norte do país; *Igbos* e *Yorubas*, no sul. Todavia, ressalvadas as três etnias predominantes, há de se destacar que 25% da população nigeriana é dividida entre as demais duas centenas de etnias minoritárias, dos quais 2/3 encontram-se no norte do país, entre as quais a *Kanuri* (FOREST, 2014), presente em sua maioria no estado de Borno, junto ao Lago Chade (ZEEN, 2014a), restando assim possibilidade de alinhamento decorrente da religião muçulmana comum.

Se no aspecto étnico não foram encontradas respostas, a solidariedade muçulmana poderia ser originária do distanciamento cultural, econômico, mas, sobretudo, religioso, entre a população islâmica do norte e o restante da população do Estado nigeriano, existe desde os reinos do século XI, sendo o fundamentalismo religioso explícito no Califado de Sokoto, no século XIX, com a instabilidade política nos primeiros anos após a independência e com a relativa autonomia das províncias do norte, traduzidas na situação atual que é a aplicação da *Sharia* em metade do país, ainda que de maneira parcial, que não faz cessar o estado de tensão com os religiosos mais radicais, entre os quais Mohammed Yusuf, e Abubakar Shekau (HILL, 2009; ZEEN, 2014a), o que se mostra coerente, em exame preliminar, com a teoria que elenca a religião é o principal aspecto distintivo do homem.

Portanto, haja vista o processo histórico de ocupação do território nigeriano e a presença de reinos muçulmanos fundamentalistas, mesmo anteriormente ao próprio colonizador europeu; as diferenças étnicas entre as populações que habitam o norte e sul do país, o histórico de conflitos políticos, desde a independência; e mesmo as correntes ascendentes da religião islâmica e sua difusão restrita a um espaço geográfico bem definido, entende-se que está

demonstrada a existência de duas diferentes civilizações, de acordo com Huntington (2011), no Estado nigeriano.

O passo seguinte da presente análise é a verificação das características dos conflitos atuais, a fim de associá-los aos elementos dos conflitos das linhas de falha.

#### **4.2 Características de um Conflito de Linha de Falha na Nigéria**

Como foi possível verificar, o objetivo do *Boko Haram* tem evoluído ao longo da mudança das suas lideranças e a evolução da *Jihad* mundial. O que começou com uma pequena comunidade islâmica, em uma localidade distante do Lago Chade, sob a liderança do clérigo Yusuf, evoluiu para uma verdadeira insurgência, segundo o modelo de Galula (1964), que objetiva destruir o Estado nigeriano e impor a *Sharia* em todo o seu território.

Os conflitos nas linhas de falha: “tendem a ser particularistas, no sentido que não envolvem questões ideológicas ou políticas mais amplas e de interesse direto para não-participantes” (HUNTINGTON, 2011, p.252). Tal característica pode ser verificada, visto que apesar da atuação de elementos de fora do país que atuam no apoio financeiro e de armamentos do grupo, e embora declarem apoio a uma luta de maior espectro, tal como o ISIS (ZEEN, 2014a), sua área de atuação predominante ainda se restringe às províncias no norte do país que são origem do grupo (ADESOJI, 2010; FOREST, 2014; ZEEN, 2014a). Se seus alvos variam, desde elementos de uma civilização estrangeira, tais como turistas, igrejas, até elementos do Estado nigeriano como prédios públicos, agentes públicos, de valores incompatíveis com o Islã, lideranças muçulmanas locais moderadas, nas demais províncias do norte do país, mas, atualmente, visando a uma estratégia de obtenção de legitimidade por meio da submissão da população da província de Borno pela força, com forte incremento da violência contra civis, sequestro de jovens homens e mulheres (ADESOJI, 2010; FOREST, 2014; ZEEN, 2014a).

Samuel Huntington (2011) afirma que os principais conflitos de linha de falha se dão onde os grupos estão entremeados geograficamente, o que, no caso da Nigéria, seria na parte média do país, na qual se localiza a capital Abuja, alvo de atentados do grupo (FOREST, 2014). Todavia, a maior da atuação do grupo se dá na província de Borno, local do surgimento do *Boko Haram*, o que nos remete para o que Zeen (2014b) apontou que é a incapacidade do grupo de obter a legitimidade por meios pacíficos, mas por meio do terror e, assim, não consegue aumentar sua área de operações sequer para as demais províncias muçulmanas do norte do país. Tal como identificado por Galula (1964), uma das fases da luta de insurgência é o ataque às lideranças moderadas, o que pode ser verificado com os já numerosos ataques a alvos muçulmanos tradicionais, como o próprio Sultão de Sokoto, acusados de compactuarem com o governo laico do estado nigeriano, traído, assim, o Islã, se equivalendo, por isso, aos infiéis (FOREST, 2014).

Ao contrário do que Huntington (2011) sugere, de que as diferenças de civilizações levam à cisão de Estados, o *Boko Haram* não luta pela independência de uma parte do território nigeriano ou, ao menos, ainda não houve barganha do fim da luta em troca da independência de uma parcela do território nigeriano (ADESOJI, 2011; ZEEN, 2014). Embora não tenha sido declarado pelo grupo, seus atos de terror concentrados nas províncias do norte do país, de violência crescente, apontam para uma suposta limpeza étnica e luta para o controle de um determinado território. Apesar de o objetivo declarado pelo grupo ser a imposição da *Sharia* para todo o Estado nigeriano, a concentração de suas ações e a mudança de estratégia e alvos, decorrente de provável intercâmbio com o ISIS, apontam para uma estratégia baseada no controle da província de Borno, em vista de que a região de fronteira com Camarões é, segundo Zeen (2014b) uma região para recebimento de armas e recursos financeiro, além de recrutamento de pessoal.



Zeen (2014b) enfatiza que, embora a lealdade da população muçulmana da Nigéria ao grupo não seja grande, dado o alto grau de violência das ações recentes do grupo contra instituições de ensino e contra a própria população local, como em Baga (BBC, 2015), pode-se prospectar para médio e longo prazos, mantidas as características das suas operações, um aumento no número de refugiados e crescente sentimento de legitimidade do grupo naqueles territórios, em razão da renovação da população local, com a formação de uma juventude alinhada aos valores do *Boko Haram*. O alto grau de violência é outro importante aspecto dos conflitos de linha de falha, segundo Huntington (2011), o qual vem se aumentando gradativamente conforme Sergie & Johnson (2011), e conforme podemos verificar no GRÁFICO 1, no ANEXO E, mas, além disso, cabe a ressalva de que a violência sempre foi uma característica do aparelho repressivo do Estado, como no caso revolta das eleições de 2010, ou com o movimento *Maitatsine* (ADESOJI, 2011), o que reforça a convicção de presença deste elemento no conflito em estudo.

Huntington (2011) aponta que tais conflitos têm a característica de serem prolongados. Em análise histórica da Nigéria, é de se destacar que até a colonização britânica conquistar Sokoto, no início do século XX, os muçulmanos do norte não pertenciam a uma mesma unidade política que as etnias do sul do país (HILL, 2009). Os territórios do norte nigeriano, por fazerem parte da região do Sahel, desde o século XI, já tinham registro de intercâmbio com a cultura muçulmana, inclusive com a presença de impérios muçulmanos a partir do século XIV (HILL, 2009). Não foram encontrados, no âmbito desta pesquisa, registros de disputas étnicas ou territoriais entre os reinos do norte, como o Califado de Sokoto, e do sul do país, previamente aos conflitos decorrentes de estes povos passarem a coexistir dentro de uma mesma unidade política, a partir de 1960 (FOREST, 2014).

Dessa forma, a história não permite evidenciar que a simples proximidade entre religiões ou etnias seria o suficiente para que conflitos sangrentos ou intermitentes pudessem

existir, tal como a teoria do Choque das Civilizações prescreve. Todavia, a diferença cultural resultante dos processos históricos não cessou de existir, na independência da Nigéria, e o que se verificou foi que, quando ambos os grupos, no momento em que se encontraram reunidos compartilhando o mesmo Estado soberano, iniciaram uma disputa pelo poder, o que vem ocorrendo de maneira intermitente desde a independência (FOREST, 2014). Apesar de tentativas de adaptação e legislação frouxa que comportassem as diferenças, a história recente do país tem revelado conflitos entre os grupos em disputa, claramente revelando profundas diferenças políticas entre norte e sul (FOREST, 2014).

Segundo Huntington (2011), as guerras de linha de falha compartilham características com as guerras comunitárias em geral, tais como alto grau de violência, longa duração, ambivalência ideológica, e quase sempre ocorrerem entre grupos de religiões diferentes. Além disso, as guerras de linhas de falha têm uma grande probabilidade de se alastrarem, pois são a luta entre grupos que formam unidade culturais maiores. No caso da Nigéria, não foram encontradas evidências de que a ação do *Boko Haram* esteja se alastrando, embora Zeen (2014) relate operações do grupo no território de Camarões, porém não há, conforme o modelo de Huntington, uma comoção internacional de nações para apoio ao Estado nigeriano, tampouco nações árabes ou islâmicas se mobilizam para apoio às ações do grupo, publicamente. O grupo possui um histórico de alinhamento com outras organizações envolvidas com a *Jihad* mundial, declarando o *Boko Haram* como o *mujahideen* nigeriano, tais como o Talibã, a AIQM e, recentemente, com o ISIS, organizações fundamentalistas não governamentais, e que não recebem apoio ostensivo dos Estados nacionais estabelecidos (ADESOJI, 2011; FOREST, 2014; ZEEN, 2014b). Estas associações a grupos islâmicos radicais, com objetivos de promoverem a *Jihad* mundial, com o estabelecimento de um governo islâmico teocrático para todo o país, pela força, em todo o território nigeriano, pode-se inferir que o grupo integrou uma luta de escopo maior, que fazia parte dos planos de Muhamed Yusuf,

desde a fundação do grupo, e a fundação do “Afeganistão”, na província de Borno (ZEEN, 2014).

Os conflitos de linhas de falha poderiam envolver grupos que habitam áreas geograficamente diferentes, o que indicaria que um dos grupos estaria lutando por independência. Essa distinção geográfica foi verificada, considerando a origem étnica e religiosa do grupo, porém não há indicação de que esse conflito seja de secessão da província, em razão de o objetivo do grupo seja a submissão integral do Estado nigeriano e, além, disso não haver legitimidade do grupo junto à população local (ZEEN, 2014).

Dessarte conclui-se que, embora encontradas algumas características de conflitos de linhas de falha, não há evidências de que possa haver uma escalada do conflito com entrada de outros Estados nacionais na guerra, possivelmente em razão de os interesses econômicos das grandes potências não terem sido afetados em função da restrição geográfica das ações do grupo, o que restringe, em princípio a um conflito comunal e não a uma guerra de civilizações, descrito por Huntington. A tal, soma-se o fato de o grupo não possuir apoio da população muçulmana local, o que contraria o aspecto de solidário consequente da identidade civilizacional, demonstrado por meio de diversas ações do grupo contra lideranças e comunidades predominantemente muçulmanas, contribuindo para afastar a hipótese de choque entre duas civilizações.

## 5 CONCLUSÃO

No século XXI, o Brasil tem adotado uma política externa de reforço de sua influência na África, por meio de intercâmbio cultural e econômico, cabendo destacar os investimentos e presença de empresas brasileiras naquele continente. No caso particular da Nigéria, a Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras) explora campos petrolíferos, abrindo perspectiva de crescimento de investimentos futuros, considerando ser aquele país o maior fornecedor de petróleo para o Brasil.

Embora a economia nigeriana tenha crescido em razão do aumento da exportação de petróleo, essa riqueza não se refletiu em melhora dos indicadores sociais do país, e ainda contribuiu para o aumento das disparidades regionais, no qual as províncias no sul do território têm uma economia mais dinâmica, e vão se distanciando cada vez mais das províncias da região norte, que possuem indicadores similares às mais pobres populações do mundo.

Tal disparidade é, ainda, reforçada pelo fator étnico. O país possui centenas de diferentes etnias, porém é dominado por três predominantes, das quais duas habitam a região sul do país, e a outra habita o norte, mais pobre. Essa diferença étnica também é religiosa, considerando-se que os grupos étnicos que habitam o norte do país são predominantemente muçulmanos, no sul, a população, em sua grande maioria, segue o cristianismo.

Historicamente, o processo de amalgamação desses contingentes populacionais é muito recente, ocorrido somente com a colonização europeia, após a conquista do Califado de Sokoto, no início do século XX. Até então, essas populações compunham unidades políticas distintas, e que só foram reunidas em um único Estado independente com a adoção de uma solução de Estado secular, com liberdade de legislação para as províncias.

Todavia, o período que se segue à independência do país é de uma sequência de governos ditatoriais e golpes de Estado. A democracia, que é o regime político do país na atualidade, tem pouco mais de uma década de duração, com o desafio de promover

desenvolvimento econômico e social decorrente do citado abismo crescente entre as regiões norte e sul do país.

O final do século XX também foi marcado pelo Ressurgimento do Islã quando o mundo islâmico vivenciou vigoroso crescimento econômico e demográfico, conjugados com o reforço da identidade islâmica, o que resultou no florescimento de diversos grupos fundamentalistas. Esse contexto de crescimento do fundamentalismo islâmico pelo mundo se refletiu na Nigéria com o aparecimento do *Boko Haram*, que é o mais violento grupo terrorista fundamentalista islâmico do continente africano.

Samuel Huntington, por meio da teoria do Choque das Civilizações, explica que a região de fronteira entre duas civilizações, o que é conhecido como linhas de falha, são regiões conflituosas, pois as civilizações seriam os limites geográficos da solidariedade humana, fixados em razão de fatores religiosos ou étnicos. Uma linha de falha pode ser identificada na Nigéria, além de outros países africanos. Esses conflitos entre civilizações teriam características próprias como a violência, duração e dinâmica próprias.

Analisando as características das ações empreendidas pelo *Boko Haram*, por meio das ligações estabelecidas pelo grupo com outros grupos fundamentalistas ligados à *Jihad* mundial, pode-se estabelecer uma relação de uma luta de grupos muçulmanos radicais contra o Ocidente e seus valores. Nesse aspecto, a violência empreendida pelo grupo também caracterizaria uma luta entre civilizações. Todavia, o que se pode concluir é que o apoio que o grupo obteve junto à população local se deve muito mais ao temor de represálias que, efetivamente, a um sentimento de identidade de valores com a população muçulmana das províncias do norte. Por esta razão, o grupo, a despeito de ter empreendido ações terroristas em diversas províncias, sua base de operações ainda pode se considerar concentrada na província de Borno, na fronteira com Camarões. Essa inexistência de sentimentos entre a população local

muçulmana e o grupo na luta contra o Estado nigeriano prejudica a tese de Huntington de que os conflitos podem ser explicados por distinções culturais, étnicas ou religiosas.

Destarte, pode-se depreender que a existência do grupo está mais fortemente ligada ao contexto de florescimento do radicalismo islâmico sunita, por meio de organizações radicais, de ausência de um Estado-líder dentro do mundo muçulmano, luta por hegemonia entre Irã, Arábia Saudita e Turquia, a qual opõe outras distinções étnicas e religiosas, entre sunitas e xiitas, além da pressão demográfica sobre as condições sociais dos Estados. O resultado dessa conjuntura é que as ações desses grupos terroristas, muito além do que eleger alvos em Estados de outras civilizações, ou visando apenas outras civilizações, atinge, com mesmo grau de violência, Estados e populações muçulmanas, governos seculares, lideranças muçulmanas moderadas ou facções rivais, acusadas frequentemente de traírem os fundamentos do Islã.

Assim, conclui-se que o modelo teórico do Choque das Civilizações poderia, a uma dada distância de observação, explicar alguns conflitos étnicos e religiosos na Nigéria, porém uma observação mais criteriosa da complexa realidade das relações muitas vezes conflituosas que envolvem as populações e Estados, sobretudo envolvendo etnias e religiões distintas, aos quais se incluem as lutas por influência e interesses econômicos das potências ocidentais, não podem ser explicados por elementos encontrados na teoria. Considera-se, assim, que os fatores culturais e religiosos podem contribuir para o desenvolvimento de um conflito, porém esses fatores não podem ser classificados como determinantes para uma situação de conflito, tal como examinado nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABC.es. **Agencias. Al Qaeda asume la autoría de dos atentados presuntamente cometidos en Argelia.** Agencias ABC.es, 2015. Disponível em: <<http://agencias.abc.es/agencias/noticia.asp?noticia=1886659>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

ADESOJI, Abimbola. **The Boko Haram Uprising and Islamic Revivalism in Nigeria.** Africa Spectrum, n°. 45, vol. 2. German Institute of Global and Area Studies. Hamburgo, 2010. Disponível em: <<http://journals.sub.uni-hamburg.de/giga/afsp/article/view/330/330>>. Acesso em: 31 jul.2015.

\_\_\_\_\_. **Between Maitatsine and Boko Haram: Islamic Fundamentalism and the Response of the Nigerian State.** Africa Today, Vol. 57, n° 4, Summer 2011, Indiana: Indiana University Press, 2011.

AKBAR, Jay. **ISIS accept pledge of allegiance from Nigerian terrorists Boko Haram - and promise 'more violence against Christians and Jews'.** Mailonline. 12Mar2015. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2992382/ISIS-accept-pledge-allegiance-Nigerian-terrorists-Boko-Haram-promises-violence-against-Christians-Jews.html>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

AJAMI, F. **A convocação.** In: Política Externa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, v.2, n°.4, pp.161-167, apud VESENTINI, José. Novas Geopolíticas. 5ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

ALJAZEERA. **The many battles of Egypt's Muslim Brotherhood.** ALJAZEERA, 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/06/battles-egypt-muslim-brotherhood-150604103022250.html>>. Acesso em 22 jun. 2015.

BBC. **Boko Haram attack: What happened in Baga?** BBC News Africa, 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-30987043>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Século XX.** 2 ed. rev. e at. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008.

BRASIL. **Política Nacional de Defesa.** Brasília: Ministério da Defesa, 2012.

\_\_\_\_\_. Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). **Anuário estatístico brasileiro do petróleo, gás natural e biocombustíveis: 2014.** Rio de Janeiro: ANP, 2014. Disponível em: <[www.anp.gov.br/?dw=73191](http://www.anp.gov.br/?dw=73191)>. Acesso em: 17 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores (MRE). **Nigéria. Comércio Exterior.** Setembro de 2014. Brasília: MRE, 2014. Disponível em: <<http://www.brasilexport.gov.br/sites/default/files/publicacoes/indicadoresEconomicos/INDNigeria.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

CHEREM, Yusef. **Jihad: Duas interpretações contemporâneas de um conceito polissêmico.** CAMPOS - Revista de Antropologia Social, vol. 10, n° 2, 2009. Disponível em:

<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/campos/article/view/17045/13423>>. Acesso em 06 jul. 2015.

CNBC. **What's the Risk for Investors of Turkey Going Islamist?** CNBC, 2012. Disponível em: <<http://www.cnbc.com/id/48841581>>. Acesso em 22 jun. 2015.

EWI, Martin. **What does the Boko Haram-ISIS alliance mean for terrorism in Africa?** ISS – Institute of Security Studies, 2015. Disponível em: <<http://www.issafrica.org/iss-today/what-does-the-boko-haram-isis-alliance-mean-for-terrorism-in-africa>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

FOREST, James. **Boko Haram in Nigeria Encyclopedia: Confronting Terrorism from the Islamic Sect, Threat to Homeland, Political History and Expansion, Attacks, President Goodluck Jonathan.** Joint Special Operations University and the Strategic Studies Department (JSOU) Report, May 2012. Progressive Management, 2014.

FREUND, Julien. **Sociología del conflicto.** Madrid: Ediciones Ejército, 1995.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History?** The National Interest, Summer 1989. Disponível em: <http://www.kropfpolisci.com/exceptionalism.fukuyama.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2015.

GALULA, David. **Counter-Insurgency Warfare. Theory and Practice.** Nova Iorque: Frederick Praeger, 1964.

HILL, Margari. **The Spread of Islam in West Africa: Containment, Mixing, and Reform from the Eighth to the Twentieth Century.** Stanford Program on International and Cross-Cultural Education (SPICE), Stanford University, 2009. Disponível em: <[http://spice.fsi.stanford.edu/docs/the\\_spread\\_of\\_islam\\_in\\_west\\_africa\\_containment\\_mixing\\_and\\_reform\\_from\\_the\\_eighth\\_to\\_the\\_twentieth\\_century](http://spice.fsi.stanford.edu/docs/the_spread_of_islam_in_west_africa_containment_mixing_and_reform_from_the_eighth_to_the_twentieth_century)>. Acesso em: 11 jun. 2015.

HUNTINGTON, Samuel. **The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order.** Nova Iorque: Simon and Schuster, 2011.

KHANA, Farida. **Sufism. An Introduction.** Nova Deli: Goodwork Books, 2007. Disponível em: <[http://www.cpsglobal.org/sites/default/files/A%20guide%20to%20sufism\\_0.pdf](http://www.cpsglobal.org/sites/default/files/A%20guide%20to%20sufism_0.pdf)>. Acesso em 03 jul. 2015.

LEITE, Ana. **O Histórico e o Eterno: do Salafismo a Kierkegaard.** Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura. Universidade de Lisboa, 2013. Disponível em <[https://docs.di.fc.ul.pt/bitstream/10451/10112/1/ulfl147997\\_tm.pdf](https://docs.di.fc.ul.pt/bitstream/10451/10112/1/ulfl147997_tm.pdf)>. Acesso em: 06 jul. 2015.

LEWIS, Martin. **Electoral Politics and Religious Strife in Nigeria.** Página da GeoCurrents, 2011. Disponível em: <http://www.geocurrents.info/cultural-geography/electoral-politics-and-religious-strife-in-nigeria>. Acesso em 22 jul. 2015.

MAHBUBANI, Kishore. **The Dangers of Decadence. What the Rest Can Teach the West.** Foreign Affairs, Ed. Sep/Oct 1993. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/asia/1993-09-01/dangers-decadence-what-rest-can-teach-west>>. Acesso em 31 jul.2015.



MERNISSI, Fatima. **Islam and Democracy: Fear of the Modern World**. Nova Iorque: Addison-Wesley, 1992 *apud* HUNTINGTON, Samuel. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. Nova Iorque: Simon and Schuster, 2011.

MUDASIRU, Sheriff. **Sokoto Caliphate: It's Rise and Fall**. A dissertation submitted in partial fulfilment of the requirements for the degree of Master of Islamic and Other Civilization. International Islamic University Malaysia, 2009. Disponível em: <<http://lib.iium.edu.my/mom2/cm/content/view/view.jsp?key=90v2C3Ad0anPKracExWeuJBXZTmzCPW520100106090315921>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

NATIONAL POPULATION COMMISSION (NPC) & ICF INTERNATIONAL. **Nigeria Demographic and Health Survey 2013**. Abuja, Nigeria, and Rockville, Maryland, USA: NPC and ICF International, 2014. Disponível em: <<https://dhsprogram.com/pubs/pdf/FR293/FR293.pdf>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

REUTERS. **Islamist insurgents kill over 178 in Nigeria's Kano**. Reuters (Edition US), World, 2012. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2012/01/22/us-nigeria-violence-idUSTRE80L0A020120122>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Nigeria's Boko Haram releases beheading video echoing Islamic State**. Reuters (Edition US), World, 2015. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2015/03/03/us-nigeria-violence-idUSKBN0LZ0QE20150303>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

SERGIE, Mohammed; JOHNSON, Toni. **Boko Haram**. Council on Foreign Relations, 2011. Disponível em: <<http://www.cfr.org/nigeria/boko-haram/p25739>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

SIMIONI, Alexandre. **A Projeção Anfíbia e o combate às novas ameaças no Atlântico Sul**. Âncoras e Fuzis n° 45, edição dezembro de 2014. Rio de Janeiro: CDDCFN, 2014.

SPIEGEL. **Al-Qaida Thinks Globally But Acts Locally**. Spiegel Online International, 2013. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/world/al-qaida-thinks-globally-but-acts-locally-a-916072.html>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

THE GUARDIAN. **More than 700 inmates escape during attack on Nigerian prison**. Página na internet do “The Guardian”, 2010. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2010/sep/08/muslim-extremists-escape-nigeria-prison>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

THE ECONOMIST. **Jihafica. The biggest threat to African peace and prosperity comes from a dangerous idea**. The Economist, Africa's jihadists, 2015. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/middle-east-and-africa/21657801-biggest-threat-african-peace-and-prosperity-comes-dangerous?src=scn/fb/wl/pe/st/jihafica>>. Acesso em 03 ago.2015.

THE INDEPENDENT. **Boko Haram renames itself Islamic State's West Africa Province (Iswap) as militants launch new offensive against government forces**. Disponível em <<http://www.independent.co.uk/news/world/africa/boko-haram-renames-itself-islamic-states-west-africa-province-iswap-as-militants-launch-new-offensive-against-government-forces-10204918.html>>. Acesso em 20 jun. 2015.

THE WORLD BANK. **Nigeria Data – The World Bank**. Washington D.C.: The World Bank, 2015. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/nigeria>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas. As representações do século XXI**. 5ª Ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.

WALKER, Andrew. **What is Boko Haram?** Special Report 308, jun. 2011. Washington D.C.: United States Institute of Peace, 2012. Disponível em <<http://www.usip.org/sites/default/files/SR308.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2015.

ZEEN, Jacob. **Nigerian Al-Qaedaism**. Current Trends in Islamist Ideology, vol. 16. Nova Iorque: Hudson Institute, 2014a. Disponível em: <<http://www.hudson.org/content/researchattachments/attachment/1392/zenn.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Boko Haram: Recruitment, Financing, and Arms Trafficking in the Lake Chad Region**. CTC Sentinel vol. 7, issue 10, OCT. 2014. West Point: Combating Terrorism Center, 2014b. Disponível em: <<https://www.ctc.usma.edu/v2/wp-content/uploads/2014/10/CTCSentinel-Vol7Iss102.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

## ANEXO A – COMÉRCIO EXTERIOR DA NIGÉRIA

### TABELA 1

#### Direção das Exportações da Nigéria (2013)

País	US\$ bilhões	Part. % total
Índia	13.76	14.29%
Estados Unidos	11.98	12.44%
Brasil	9.65	10.02%
Espanha	7.53	7.82%
Países Baixos	7.51	7.80%
Alemanha	5.46	5.67%
França	5.04	5.23%
Reino Unido	4.86	5.05%
África do Sul	3.62	3.76%
Japão	3.54	3.68%
Outros	23.33	24.23%
<b>Total</b>	<b>96.28</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Adaptado de BRASIL. MRE, 2014.

### TABELA 2

#### Direção das Importações da Nigéria (2013)

País	US\$ bilhões	Part. % total
China	12.04	25.21%
Estados Unidos	6.47	13.55%
Países Baixos	3.47	7.27%
Índia	2.9	6.07%
Bélgica	2.87	6.01%
Reino Unido	2.42	5.07%
França	2.02	4.23%
Alemanha	1.83	3.83%
Coreia do Sul	1.57	3.29%
Itália	1.11	2.32%
Brasil	0.88	1.84%
Outros países	10.18	21.31%
<b>Total</b>	<b>47.76</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Adaptado de BRASIL. MRE, 2014.

## ANEXO B – O CALIFADO DE SOKOTO

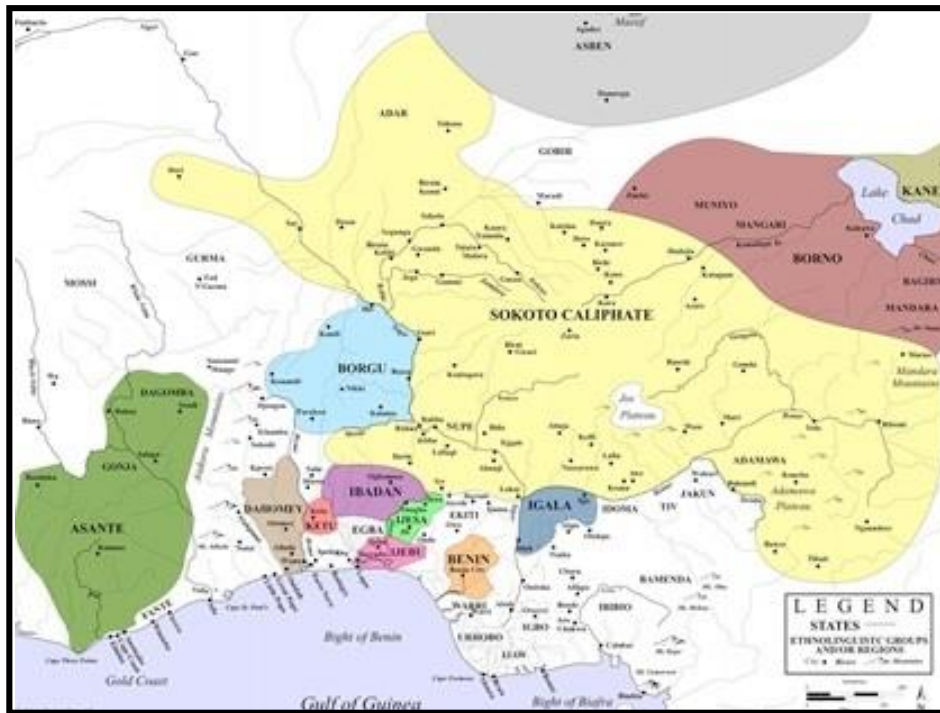


FIGURA 1 - Califado de Sokoto e Estados vizinhos (c. 1850)

Fonte: LOVEJOY, Henry B. African diaspora maps Ltd. Disponível em: <[www.africandiasporamaps.com](http://www.africandiasporamaps.com)>. Acesso em 30 jul. 2015.

## ANEXO C – DIVISÃO RELIGIOSA E POLÍTICA NA NIGÉRIA



FIGURA 2 – Províncias onde vigora a Sharia de maneira total ou parcial.  
Fonte: Lewis, 2011.

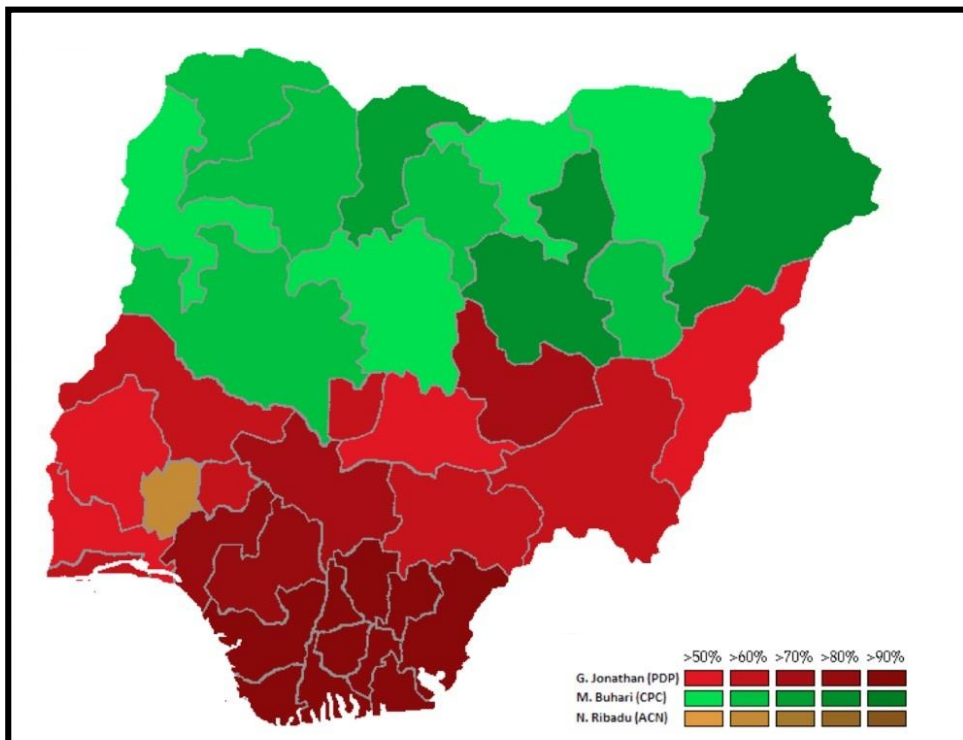


FIGURA 3 – Resultado das eleições presidenciais na Nigéria em 2011.  
Fonte: Lewis, 2011.

## ANEXO D – GRUPOS EXTREMISTAS ISLÂMICOS NA ÁFRICA

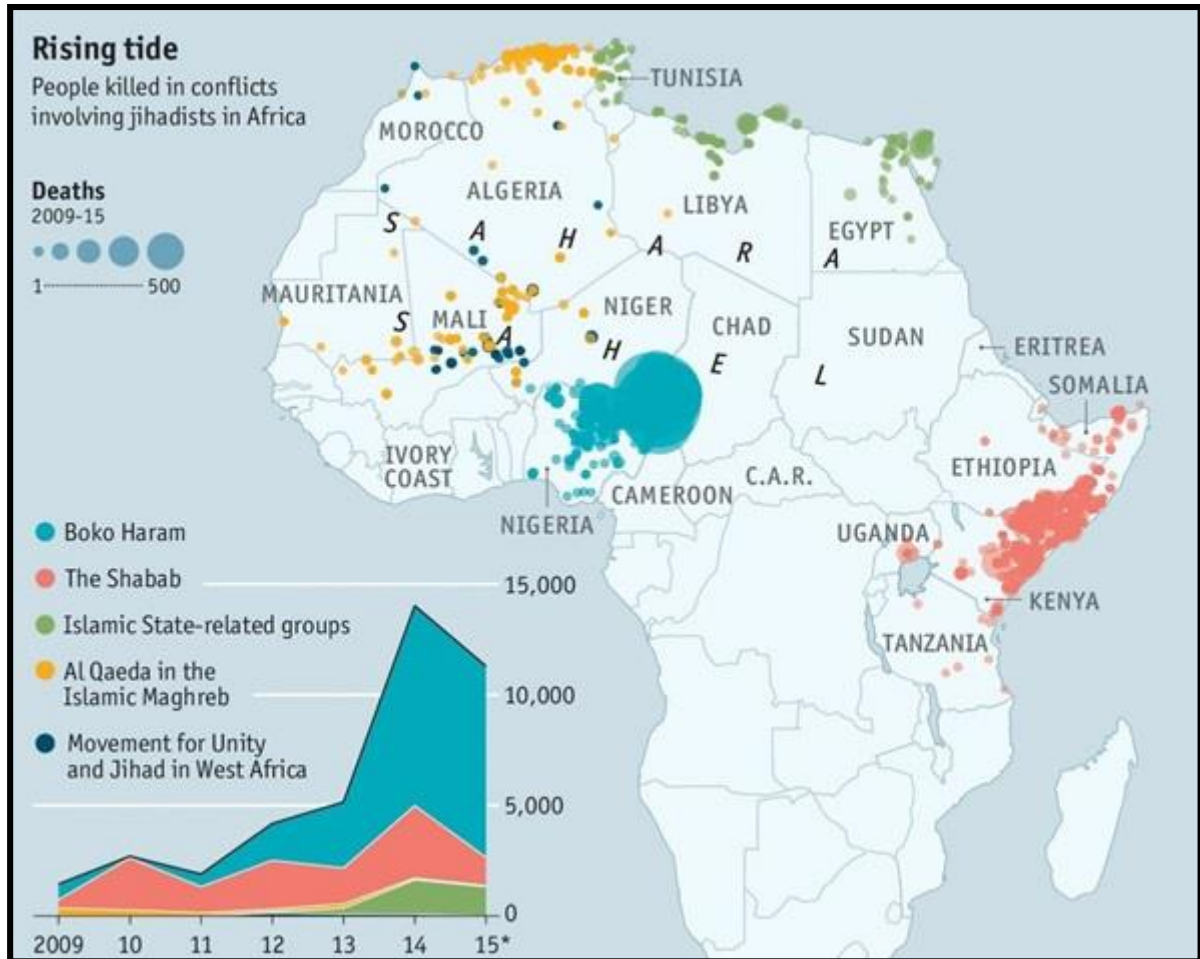


FIGURA 4 – Maré Subindo. Pessoas assassinadas em conflitos envolvendo grupos jihadistas na África (tradução nossa).

Fonte: THE ECONOMIST, 2015.

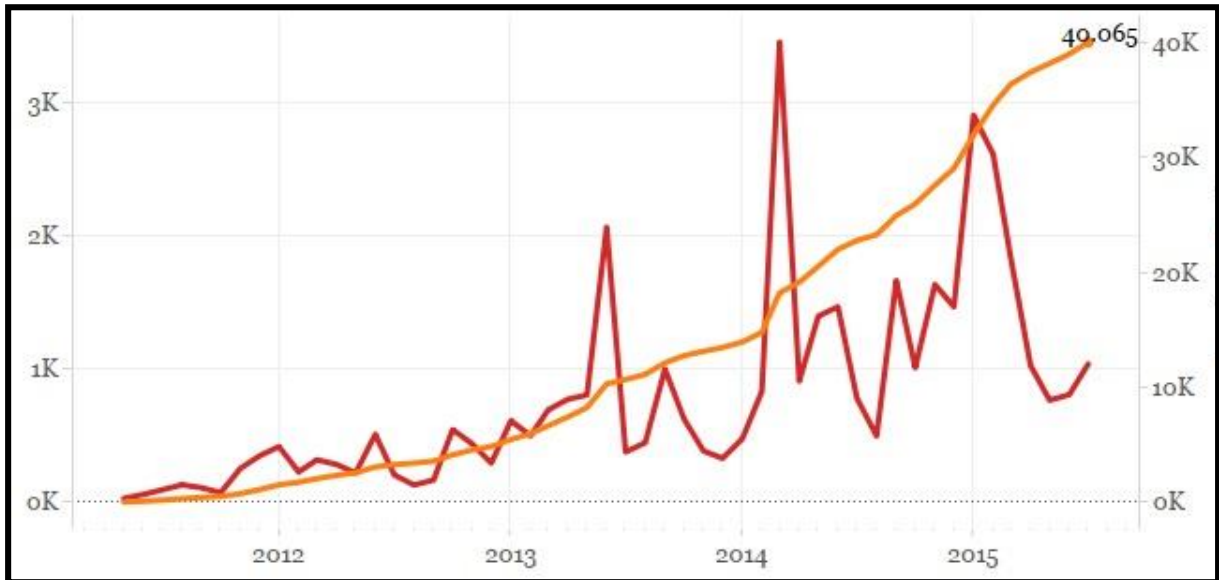
**ANEXO E – MORTES EM ATENTADOS DO *BOKO HARAM***

GRÁFICO 1 – Número de mortes causadas por atentados terroristas do *Boko Haram*.

Fonte: SERGIE & JOHNSON, 2011.